



História (São Paulo)

No âmago da epistolografia medieval: tipologia epistolar e política na correspondência de Pedro Damiano (1040-1072)

In the gist of medieval epistolography: epistolary typology and policy in Peter Damian's correspondence (1040-1072)

Cláudia Regina BOVO

UFTM/MG - Universidade Federal do Triângulo Mineiro

PPG História - Universidade Federal de Mato Grosso

Contato: claubovo@yahoo.com

Resumo: Entre os séculos XI-XII, a arte de bem escrever cartas ganhou destaque entre os homens que dominavam a escrita. A epistolografia adquiriu um novo fôlego sob a pena dos medievais, tanto pela quantidade de textos produzidos e conservados, quanto pelo aperfeiçoamento das técnicas de composição. Por isso, consideramos pertinente investigar a epistolografia do século XI num conjunto de cartas que representasse o peso sociopolítico deste meio de comunicação. Especificamente, optamos por acompanhar a trajetória de escrita epistolar de um religioso que se tornou referência de estilo para os *dictatores* posteriores: Pedro Damiano. Ao fazer de sua correspondência o principal instrumento para a comunicação de preceitos cenobítico-eremíticos, Pedro Damiano nos legou uma complexa teia de relações estabelecidas pelo aperfeiçoamento dos mecanismos de comunicação epistolar. Essas cartas demonstram sua tentativa de intervir nos debates doutrinários e nas estratégias políticas adotadas tanto pelo papado, quanto pelas lideranças clericais regionais com quem ele dialogou.

Palavras-chave: Epistolografia; Idade Média; Pedro Damiano.

Abstract: Between XIth and XIIth centuries, the art of writing letters got prominence among men who dominated the writing. The epistolography acquired a new impetus under the medieval man's feather, both by the amount of text produced and preserved, as for the improvement of the techniques of composition. Therefore, we consider appropriate to investigate the epistolography in XIth century, notably, in a set of letters that represents its socio-political weight as a means of communication. Specifically, we chose to follow the epistolary trajectory of Peter Damian, an important reference to *dictatores* in XIIth century. Peter Damian did use his correspondence as an

instrument for the communication of cenobitic and eremitical precepts. He gave us a complex scene of the relationships established by the improvement of epistolary communication mechanisms. These letters demonstrate his attempt to intervene in doctrinal debates and political strategies adopted by both the papacy, as the regional clerical leaders with whom he spoke.

Keywords: Epistolography; Middle Ages; Peter Damian.

Introdução

A carta é um texto de extraordinária vitalidade. Sua origem enquanto instrumento de transmissão de uma mensagem é bastante antiga. Segundo Pedro Martín Baños, é possível que a carta tenha nascido ao mesmo tempo que o alfabeto, vistas as inúmeras descobertas arqueológicas feitas na região da antiga Mesopotâmia – com cerca de 5.000 cartas do tempo de Hammurabi – e do Antigo Oriente (MARTIN BAÑOS, 2005). Mas foi na Grécia antiga que este meio de comunicação adquiriu normas, alçando à condição de gênero literário: o gênero epistolar. Do documento público a serviço da administração helenística ao texto privado destinado às questões mais íntimas, a carta se tornou um instrumento de comunicação primordial que se aperfeiçoou enquanto gênero a partir da formalização disciplinar da retórica, da gramática e da poética.

Durante a Idade Média, especificamente entre os séculos XI-XII, a arte epistolar ganhou uma ampla produção entre os homens que dominavam a escrita. Para alguns autores, os séculos XI e XII são considerados a “Idade de Ouro” da epistolografia. Essa qualificação deve-se, primeiramente, ao crescimento numérico das cartas, que se tornaram o gênero preferido para a comunicação escrita. Mas, além do apelo quantitativo, foi a diversidade formal que rendeu destaque na organização e promoção desse gênero literário entre os medievais.

De acordo com Giles Constable (1976), essa crescente notoriedade da carta estava ligada diretamente à intensa diversidade presente na vida intelectual, social e religiosa dos séculos centrais da Idade Média. Dos novos ambientes escolares surgiram cartas que versavam sobre a vida dos estudantes e suas atribuições. Dos ambientes ascéticos reformados saíram cartas de recrutamento e propaganda, anunciando os atrativos da opção pela vida monástica. Do mesmo modo, apareceram cartas de cunho pessoal, algumas até autobiográficas, cuja tendência era examinar e publicizar uma experiência pessoal. Outras, como as cartas de amor, retratavam questões tão íntimas que se tornaram indicadoras, para uma parte da historiografia, do surgimento do indivíduo no século XI (MORIS, 1987).

Paralelamente ao que parece ser uma tendência personalista no estilo e no aspecto formal das cartas, a epistolografia dos séculos XI e XII contribuiu para a formalização do gênero através do

desenvolvimento de coletâneas com regras e princípios teóricos para a arte de bem escrever cartas (LECLERQ, 1946). O *dictamen* ou *ars dictaminis* era um tratado que registrava as regras de composição das cartas, além de apresentar os modelos possíveis para sua composição.¹ Esses tratados se multiplicaram a partir do final do século XI, primeiramente nos centros escolares italianos. Apesar da originalidade desses textos, tidos como compêndio que resumizava as noções básicas de como redigir cartas, no que diz respeito ao seu conteúdo normativo, a maioria de suas orientações reproduzia práticas de composição epistolográfica presentes desde a Antiguidade (PATT, 1978).

Segundo Martin Baños (2005, p. 97), se compararmos a epistolografia antiga e a medieval, encontraremos muitas similaridades entre elas. Entretanto, essas similaridades não podem mascarar a principal diferença: a partir do século XI, a arte epistolar tornou-se o principal reduto do aperfeiçoamento da retórica. Importantes lideranças religiosas, como Pedro Damiano, Hildebrando de Soana e Humberto de Silva Cândia, converteram suas cartas num espaço de aprimoramento do texto latino. Um texto performático, cujo objetivo não se restringia apenas a informar seu destinatário sobre um determinado assunto, mas, sobretudo, persuadi-lo a partilhar os argumentos do remetente. Os tratados da *ars dictaminis* seguiram essa mesma prática, deslocando a definição do estudo da retórica da arte da persuasão, que se realizava prioritariamente através do discurso oral, para designar a arte que ajudava a adquirir destreza no domínio escrito do latim (MURPHY, 1978).

O surgimento da *ars dictaminis* e sua crescente normatização demonstraram a formalização sofrida pelo gênero epistolar durante o século XII. Mas é importante salientar que o potencial comunicativo/persuasivo das cartas já era efetivo mesmo antes do surgimento desses tratados. Durante todo o século XI, a carta foi um meio de comunicação fundamental para as relações sociais, especialmente como um instrumento político. Não é por acaso que, particularmente nos ambientes clericais, a proliferação dos textos epistolares foi tão expressiva. Já nas primeiras décadas do século XI, o aumento do número de cartas e a clara preferência pela escrita epistolar em detrimento de outros formatos de texto coincidem com o fortalecimento institucional do papado e com o crescente controle episcopal sobre as igrejas seculares e sobre as comunidades monásticas. Alianças e dissensões foram publicizadas através de cartas, muitas vezes utilizadas por pequenas comunidades monásticas para angariar apoio e subvenção pública das aristocracias regionais, como também serviram de instrumento ao poder pontifício para sustentar sua autoridade e legitimidade frente às disputas pela sucessão da Cúria Romana.

Em vista disso, consideramos pertinente investigar o desenvolvimento da epistolografia do século XI a partir de um conjunto de cartas que destacasse o peso político desse meio de

comunicação. Optamos por verificar os contornos dessas vinculações políticas na escrita epistolar de Pedro Damiano, pois além de ter sido uma importante referência de estilo para os *dictatores*² do século XII, foi personagem envolvido nas contendas entre papado, poder senhorial e Império germânico durante a segunda metade do século XI. O avelanita fez de sua correspondência a principal ferramenta de comunicação dos seus preceitos monásticos num ambiente extremamente conturbado, no qual as disputas para consolidação do poder papal ajudaram a fazer desse instrumento escrito um suporte estratégico para o fortalecimento político das comunidades monásticas nascentes.

Uma variedade de tipos ou de petições?

O estudo sobre a variedade tipológica, os formatos e estilos de escrita nas cartas de Pedro Damiano é bem antigo. Apesar disso, uma análise sistemática sobre as relações entre as cartas longas (opúsculos), as cartas breves (epístolas) e as intenções presentes na escolha de uma ou outra somente foi empreendida a partir da segunda metade do século XX, quando Kurt Reindel (1983-1993) organizou a edição publicada pela *Monumenta Germaniae Historica*, que reuniu as cartas sob o critério cronológico.³ A adoção da cronologia para organização da edição das cartas lançou novos desafios aos pesquisadores da obra de Pedro Damiano: em primeiro lugar, possibilitou novas formas de separação e agrupamento dos escritos, permitindo tanto atender as diferenças formais entre os textos, como vinculá-los a partir de uma temática comum presente num mesmo período de produção; mas, sobretudo, instigou a análise diacrônica de muitos problemas jurídicos, teológicos, espirituais e políticos com os quais Damiano se deparou.

A correspondência de Pedro Damiano apresenta formatos diferentes de carta. O próprio avelanita nomeou especificamente seus textos epistolares de acordo com a extensão deles. As pequenas cartas eram chamadas de *epistola*, *littera*, *brevis*, *dictamen*, *schedula* e *scriptiuncula*. As grandes composições eram referidas como *liber*, *opus* ou *opusculum*. Dentro da teoria epistolar da *ars dictaminis* as cartas deveriam ser classificadas de acordo com sua finalidade. Ou seja, sua classificação dependia do tipo de petição que faziam e não do tamanho e formato que apresentavam. Esta é a principal diferença entre o que poderíamos chamar de uma teoria epistolar medieval consolidada e as práticas epistolares anteriores ao século XII.

Segundo a maioria dos manuais de *ars dictaminis*, a carta deveria conter a saudação, o exórdio, a narração, a petição e, finalmente, a subscrição. A saudação tratava-se do cumprimento ao destinatário da carta, o qual, dependendo de sua condição social, seria referenciado com maior ou menor exaltação; o exórdio era o enunciado que representava o princípio inspirador do texto, no

qual o remetente buscava a benevolência do destinatário; a narração ilustrava as circunstâncias imediatas que conduziram o autor do texto à escrita da carta; a petição era a parte central, abrangendo o conteúdo substancial da carta e ligado às duas partes precedentes; finalmente, a subscrição estava submetida diretamente à petição, tendo por objetivo a recapitulação do que foi demandado e a assinatura do remetente (CONSTABLE, 1976, p. 16-17).

Apesar da tipologia da petição encontrar-se regulada apenas nos manuais de *ars dictaminis*, na prática sua ocorrência já era identificada na correspondência dos eclesiásticos do século XI. Damiano, por exemplo, não nomeou ou dividiu suas cartas pelo tipo de petição que faziam, porém encontramos nelas os nove tipos normatizados posteriormente: a carta de súplica, a carta didática ou de ensino, a carta de ameaça, a carta exortativa, a carta de conselho, a carta de advertência, a carta de deliberação, a carta acusatória e a carta absoluta (quando não adota nenhuma das anteriores).

No geral, as artes epistolares do século XII estabeleceram uma tipologia de petições e não necessariamente uma tipologia das cartas, enquanto Pedro Damiano estabeleceu formatos distintos de carta para a efetivação da mensagem que gostaria de dar. Ora utilizando-se de cartas pequenas, integradas apenas pela saudação, petição e subscrição, ora recorrendo a textos extensíssimos, o avelanita nos legou uma diversidade de tipos cuja base formal estava na incorporação ou exclusão de uma das partes que compunham o escrito (a saudação, o exórdio, a narração, a petição e a conclusão). Na prática epistolográfica do avelanita a simples presença da saudação e da subscrição já anunciava a intenção de seguir um formato epistolar.

Nicolangelo D'Acunto (2000, p. 63) distinguiu três tipos de cartas no interior da produção epistolar de Damiano: as cartas breves, as cartas de média extensão e as cartas longas. Para este historiador, as cartas breves tinham por característica a brevidade e a unidade temática. Para nós, essa definição precisa ser ampliada, uma vez que se identificam similaridades temáticas em todas as cartas breves: elas apresentam um interesse essencialmente prático, visando à solução de problemas nas comunidades cristãs (monásticas ou episcopais) que estavam próximas de Fonte Avellana, a ermida de origem de Pedro Damiano. Normalmente compostas pela saudação e pela petição, essas missivas tinham por premissa fazer solicitações diretas, sem a presença de explicações pormenorizadas que contextualizassem seus pedidos.

As cartas de média extensão eram mais extensas que as cartas breves e sua estrutura estava composta pela saudação, narração e petição (D'ACUNTO, 2000, p. 63). No geral, as epístolas médias tratavam de questões doutrinárias, sejam elas teológicas ou disciplinares, estabelecendo vínculos com outros textos, sobretudo os sermões de Pedro Damiano. Esse tipo de carta era utilizado quando os destinatários solicitavam esclarecimento sobre alguma questão disciplinar.

Finalmente, as cartas longas ou opúsculos eram as missivas de extensão superior a dez folhas, que pretendiam apresentar um estudo detalhado sobre uma temática doutrinal (D'ACUNTO, 2000, p. 63). Geralmente subdivididos em capítulos, esses tratados aprofundavam a argumentação de debates teológicos, canônicos ou disciplinares, sendo os textos que apresentavam a menor incidência das partes tradicionais de uma carta. Muitas vezes, eram compostos apenas pela saudação e pela subscrição, adaptando outros gêneros literários ao formato epistolar.

Ao observarmos os estudos sobre a divisão tipológica de D'Acunto, verificamos que, em nenhum momento, as cartas breves ou as de média extensão deixaram de ser produzidas em favor dos opúsculos. Ao contrário, a produção dos três tipos de cartas acompanhou toda a trajetória de composição epistolar de Damiano. Se este historiador dividiu a correspondência do avelanita em quatro fases por considerar a superioridade numérica de um tipo em detrimento dos outros, nós entendemos que o apelo a um ou outro formato não pode estar desvinculado da trajetória eclesiológica e também política de Pedro Damiano.⁴ Além da questão numérica, D'Acunto também considerou o desenvolvimento formal das cartas que, segundo ele, deram uma guinada estilística a partir de 1060. Mesmo assim, defendemos que muito do relaxamento de Damiano em cumprir as regras de composição compactuadas pela tradição epistolográfica da Antiguidade Tardia não diz respeito apenas ao seu domínio do gênero textual em si, mas ao seu fortalecimento enquanto autoridade eclesiástica, valendo-se das próprias inovações formais que propôs para adaptar melhor suas missivas às demandas contingentes de um cenário de disputas pelo poder entre grupos eclesiásticos divergentes.

Nesse sentido, ao analisarmos a quantidade de cada tipo de carta na correspondência, considerando-se o desenvolvimento eclesiológico e a escalada política de Damiano, foi possível dividir sua produção epistolar em três fases temporais: a 1ª fase, de 1040 a 1056, equivale ao início da produção epistolar e a sua proeminente atuação enquanto prior de Fonte Avellana; a 2ª fase, de 1057 a 1067, corresponde a sua indicação ao episcopado de Óstia e sua ascensão ao cardinalato; a 3ª fase, de 1067 a 1072, compreende seu desligamento do episcopado e o retorno para Fonte Avellana.

Tabela 1 - Divisão temporal-tipológica da correspondência de Pedro Damiano

| PERÍODO | Cartas Breves | Cartas Médias | Cartas Longas/Opúsculos | Total |
|---|---------------|---------------|-------------------------|-------|
| PRIORADO (1040 – primavera de 1057) | 23 | 13 | 11 | 47 |
| CARDINALATO (outono de 1057-1066) | 25 | 24 | 46 | 95 |
| RECLUSÃO EM FONTE AVELLANA (1067-1072) | 09 | 23 | 06 | 38 |

Fonte: BOVO, 2012.

Para que serve uma carta breve?

Na tabela acima podemos observar que na fase do priorado a ênfase da composição epistolar concentrou-se no tipo de carta breve. Em termos numéricos, elas representaram aproximadamente 49% da quantidade de cartas produzidas no período. Durante a sua atuação episcopal, houve uma guinada na produção de cartas longas, as quais superaram em mais de 50% a produção de cartas breves e de epístolas médias. A fase de retorno à vida de reclusão em Fonte Avellana apresentou a retomada da produção de cartas breves e, sobretudo, de epístolas médias, que juntas representaram cerca de 80% da atividade epistolar desse período.

Mas qual o significado desses números? Ao nosso ver, a opção pelo tipo breve, médio ou extenso de carta estava intimamente relacionada à demanda de expedição e ao ambiente de recepção desses textos. Era uma escolha consciente do autor, incentivada pela necessidade de criar uma espacialidade singular com aqueles com quem pretendia estabelecer contato, seja para requerer ajuda, para disponibilizar auxílio ou mesmo para apresentar-se socialmente. Mais confiável que a simples palavra de um intermediário e, igualmente, mais preciosa, a carta breve testemunhava a vontade de criar ou de manter a qualidade de um diálogo entre pessoas fisicamente distantes. Como um meio de reordenar o pertencimento social, estabelecendo novos vínculos e rompendo outros, o emprego de diferentes tipos de cartas respondeu aos desafios políticos impostos a Pedro Damiano ora como eremita-prior de Fonte Avellana, ora como cardeal-bispo de Óstia.

No geral, as primeiras 47 cartas têm em comum o fato de seus destinatários estarem em sua maioria em localidades próximas a Fonte Avellana. Delas, as 23 cartas breves apresentam demandas práticas, marcadas tanto pela denúncia, quanto pela exortação de bispos e também líderes laicos, os quais exerceram pressão monetária ou militar sobre as comunidades monásticas dos territórios que se estendiam triangularmente de Ravena a Florença e a Gubbio. A recorrência das denúncias de bispos simoníacos (cartas 3, 4, 7, 13, 20, 26), as orientações sobre disputa patrimonial, sobre doação e acolhimento monástico (cartas 2, 32, 34, 35, 37, 41, 42, 46), a exortação à renovação da Igreja Romana (cartas 11, 12, 26, 30, 33), a indicação de religiosos à ordenação (cartas 5, 16), a defesa de religiosos (cartas 43 e 46) ou a simples apresentação de sua pessoa vêm definidas num formato simples, sem fundamentações elaboradas sobre os temas tratados (PEDRO DAMIANO, 1983, v. 1). Para condenar ou mesmo solicitar pedidos às autoridades eclesiásticas e também seculares, esses textos expunham diretamente o que se requeria, mantendo uma contínua

interdependência com as cartas longas, onde, notadamente, as fundamentações doutrinárias e disciplinares eram melhor justificadas.

Giles Constable (1976, p. 13) afirma que a carta era um documento consciente, de caráter quase público, frequentemente escrito com vistas a promover um diálogo à distância entre o autor e seu destinatário. Ela buscava construir uma espécie de presença do seu autor ao promover a circulação de seu conteúdo para um público mais amplo que o destinatário particular. Através da correspondência era possível prosseguir e aprofundar um debate iniciado presencialmente ou, ainda, estabelecer o primeiro contato entre duas pessoas, aproximando-as antes de um efetivo encontro. Na carta breve de 1045, endereçada ao bispo João de Cesena (1031-1053), Damiano escreveu:

Portanto, por não poder vos oferecer presentes materiais, visto que não os possuo, vos envio humildemente como presente meus opúsculos, sem a intenção de obter vossa proteção, mas para abrir a porta do vosso coração à minha palavra; não para que eu me sirva da vossa ajuda, mas para que possais vos servir do meu conselho. [...] Assim, em parte, eu não teria a intenção de introduzir este tema nesta carta se temesse o olho curioso daquele que a interceptasse repentinamente. Fixe uma data após a Páscoa para que eu vos encontre, com a autoridade que emana da sua santidade. Então vos peço, se o quiser, para levar em consideração o que o portador da presente carta vos diz (PEDRO DAMIANO, 1983, v. 1, p. 141-142).⁵

Desprovida de qualquer pedido ou demanda, essa epístola brevíssima, endereçada ao bispo de Cesena, assumiu o papel de um bilhete de apresentação que visava contextualizar o envio de algo mais importante: o presente religioso (*aecclesiasticum munusculum*) representado pelo conjunto de cartas já compostas por Pedro Damiano. A forma como o avelanita dispôs de sua produção epistolar tinha um objetivo claro: possibilitar ao destinatário a oportunidade de conhecê-lo, saber quem ele era e o que pensava sobre determinados assuntos. Enquanto um presente, esse conjunto de epístolas remetidas a Cesena se tornou uma forma efetiva de aproximação que permitiu a Damiano contatar a liderança religiosa local para apresentar-se, estabelecer vínculos de amizade, multiplicá-los, ultrapassando os limites físicos impostos pela dificuldade de se estar em diferentes lugares ao mesmo tempo. Vejam como o avelanita buscou convencer o bispo João de suas boas intenções:

Portanto eu, no momento em que desejo levar ao conhecimento de vossa alteza, vos envio, homem de Igreja e por Deus alçado sobre o Monte Sinai, um pequeno presente religioso, que faz, por assim dizer, as funções da própria escada, já que não é para ostentar vanglória, nem para utilidade material que vos envio meus opúsculos ou busco vossa amizade, antes busco ser mais agradável com Aquele que, certamente, julga considerando os olhos do coração (PEDRO DAMIANO, 1983, v. 1, p. 139).

Sem dúvida, a pretensão de Damiano era se fazer conhecer. Sendo sua produção e reflexão eclesiológica o meio mais eficaz para isso. Mas, se o “presente religioso” fosse tido como um ato de ostentação e vaidade por aquele que o recebesse, a tentativa de instaurar um vínculo com o episcopado de Cesena iria fracassar. Portanto, era necessário valer-se de fórmulas diretas, de um texto curto e pouco afeito a floreios retóricos que pudessem sintetizar de forma eficiente a capacidade doutrinal de seu autor, mas não o desabonasse em termos de humildade e bom exemplo ascético. Em outras palavras, era preciso deixar transparecer seu desprendimento material, seu desinteresse pela publicidade de suas ideias, sua completa rendição à humildade. Vemos materializar-se nesse pequeno bilhete o cuidado com o formato e estrutura epistolar, o que atesta a preocupação de Damiano em subordinar o formato da carta à mensagem que queria divulgar.

Porém, fica uma questão: qual a necessidade de se aproximar do episcopado de Cesena? Enquanto filho espiritual de Ravena, seu local de formação sacerdotal e onde se encontrava sua família, não deveria ser este o seu destinatário mais corrente? Algumas cartas breves escritas entre os anos de 1044 e 1046 atestam as dificuldades enfrentadas por Damiano em manter o vínculo de amizade com o bispo Widger, de Ravena. Seja na epístola dirigida ao bispo (carta 7), seja naquela enviada ao seu círculo sacerdotal mais próximo (carta 8), Damiano procurou tecer críticas diretas à condução episcopal de Widger, sem fazer, entretanto, um desenvolvimento teológico cuidadoso sobre os significados desta função. Muito mais interessado em reclamar sobre o que lhe afligia, o avelanita não despende muita tinta para fundamentar a inabilidade episcopal de Widger.

É ocasião de dizer: Glória a Deus nos céus e paz na terra aos homens de boa vontade. Venerável pai, eu estou surpreso que depois de minha visita, depois de me apresentar obediente diante de teu convite, eu não tenha ouvido mais nada de tua missão, nem recebido uma simples indicação de tua amizade. Certamente existem diversas testemunhas do que falo, ou seja, que se eu estivesse disposto a agir de acordo com a memória abençoada de seu predecessor e adquirir residência aqui, ele confirmaria, como prometeu, aceitar meu conselho sobre o bem de sua própria alma e também sobre os regulamentos das questões espirituais. Mas tu, ao contrário, diariamente flagela-me, a cada dia me impõe amargos golpes; e quem não merece ouvir uma palavra dura, recebe a disciplina de tuas mãos sagradas (PEDRO DAMIANO, 1983, v. 1, p. 116).

Declarando o descaso de Widger em reconhecer sua contribuição nos assuntos doutrinários, o avelanita reclama de o bispo não lhe dispensar a mesma amizade e reconhecimento conferidos no passado por seu predecessor, Gebeardo de Eichstätt. Cabe aqui destacar que ao se resguardar na memória do bom relacionamento com Gebeardo, a quem destinava aconselhamento espiritual em troca de proteção e benevolência, Damiano declara sua expectativa sobre o arcebispado de Widger: promover a proteção dos mosteiros contra aqueles que os ameaçavam e os saqueavam.

Eis aqui, clemente Senhor, que todos os outros mosteiros sob as asas de sua misericórdia permanecem ilesos a servir a Deus com segurança e imunidade. Enquanto esta casa sozinha, a partir do momento que tu me mandaste assumir a sua posse, sofreu muitos ataques e depredações. Se tu não demonstrares ao menos uma inclinação à misericórdia, ela estará condenada à completa desolação. Assim, do meu ponto de vista, parece que a casa de Deus tem sido arruinada por aquele de quem, pela ajuda de Deus, era esperado ser elevada ao mais alto céu. Portanto, glorioso senhor, com lágrimas nos olhos eu caio aos teus pés e imploro à tua santa natureza piedosa que considere retirar seu chicote e limitar sua excessiva perseguição, como o Senhor disse através do profeta: ‘em vossa ira, lembrai-vos da misericórdia’. Nunca oprima um santo lugar, retirando seu dinheiro. Este lugar que, como tu bem sabes, já perdeu tantos bens eclesíasticos (PEDRO DAMIANO, 1983, v. 1, p. 116-117).

Widger não atendia a expectativa posta sobre ele, justamente por oprimir monetariamente o mosteiro de São Apolinário em Classe, casa cenobítica colocada aos cuidados de Damiano. Nesta carta 7, o então arcebispo foi aconselhado a retomar o que Damiano considerava ser o papel primordial da maior autoridade ravenate: garantir imunidades e isenções para os mosteiros submetidos ao seu domínio. Mas, enquanto Widger assegurava a imunidade de outras comunidades, desrespeitava o mosteiro de Classe, usufruindo de suas posses. Essa carta tem um importante papel na contextualização do desacordo entre o prior de Fonte Avellana e o representante máximo da Sé suburbicária de Ravena a quem estava subordinado.

Sabes bem, querido, quantas vezes insistentemente me pediram para vir até ti. Primeiramente, o arcebispo Gebeardo e, recentemente, o novo arcebispo, eleito pelo amor do Espírito divino e também por um grande número de cidadãos de Ravena; finalmente concordei. Então deixei a ermida e vim habitar a cidade, com a esperança de ganhar as almas. Mas apenas descobri que o previsto novo arcebispo não respondia a sua missão, mas era antes permissivo e as pessoas não eram movidas por nenhum zelo de caridade em relação a mim, mas pelo interesse particular em sua salvação. Confesso, arrependi-me de vir (PEDRO DAMIANO, 1983, v. 1, p. 118).

Este excerto da carta 8, enviada ao presbítero e tesoureiro da Igreja de Ravena, Giseberto, em 1045, fortalece ainda mais nosso entendimento do crescente desacordo de Damiano com a ação episcopal de Widger. Ambas epístolas contextualizam a ofensiva diplomática do avelanita em busca de novos aliados contra uma possível perseguição da liderança episcopal de Ravena. A aproximação promovida pelas cartas breves de 1045 e 1046, enviadas ao bispo João de Cesena (cartas 12 e 19), à Cúria papal na pessoa do chanceler Pedro e do próprio papa Gregório VI (cartas 11, 13 e 16) e, finalmente, à liderança imperial de Henrique III (carta 20), atesta não só a tentativa de estabelecer um novo apoio político, frente ao desgaste com episcopado de Ravena, como

também manifesta o peso formal da epístola breve, enquanto meio de comunicação direto para constituição de novas alianças políticas.

Qual a função do opúsculo?

Durante sua atuação episcopal (1057-1066), observamos a crescente complexidade formal adquirida por suas cartas, que passaram a demandar um texto mais extenso e melhor escrito para tratar da orientação moral de clérigos e laicos, não só de sua região de origem, mas, sobretudo, dos territórios romano e imperial. Há uma equidade entre a quantidade de cartas enviadas ao *Regnum Italicum* e aquelas expedidas para as imediações de Roma e da Germânia. Consideramos que a súbita queda das cartas breves deveu-se, em parte, ao contato permanente do avelanita com o círculo papal, tornando desnecessário o intenso uso desse instrumento de comunicação objetivo. Justamente, o uso recorrente dos opúsculos demonstra-nos a valorização de suas atividades de ensino, regulação e diplomacia, as quais demandavam textos mais extensos, pormenorizadamente argumentados, ao estilo dos tratados tradicionais. Sem dúvida, sua crescente notoriedade enquanto autoridade da Cúria Romana pode ser medida pela intensificação de sua atuação legatina e pelo aumento na expedição de cartas, as quais dobraram de volume nesse período.

Além do aumento no uso das cartas longas, houve uma evolução qualitativa delas, que passaram a apresentar uma variabilidade de estruturas, uma liberdade estilística e um aprofundamento teológico mais acentuado. O avelanita afirmava a legitimidade de sua autoridade doutrinal, colocando-se como porta-voz do rigor da disciplina clerical, ao ponto de não precisar curvar-se a uma fórmula estilística tardo-antiga para garantir a validade e o reconhecimento de seus escritos. A um cardeal-bispo era imprescindível demonstrar por meio de seus escritos a extensão de seu domínio argumentativo. Nesse sentido, vemos Damiano ultrapassar os limites formais estabelecidos pela tradição epistolar Antiga e pelo uso comum à maioria de seus contemporâneos. Essa “liberdade” no uso das cartas fica evidente em algumas passagens que destacaremos a seguir. O que nos interessa nelas é analisar o quanto o emprego de um determinado tipo de carta respondia às novas contingências políticas de sua atuação cardinalícia.

Inúmeras vezes, Damiano anunciou conhecer a norma escriturária clássica de que convinha não redigir cartas que ultrapassem certo “limite natural”. Mesmo assim, não hesitou em abandoná-la, conforme aparece nessa carta de 1064, endereçada a Bonizo, abade do mosteiro São Pedro de Perugia: “Sim, padre amado, provocado pela docilidade de teu afeto, querendo escrever-te tanta coisa, excedi a medida da brevidade epistolar” (PEDRO DAMIANO, 1989, v. 3, p. 167). Esse opúsculo, com mais de dez páginas, tratava da recente “abdição” de Bonizo do abaciato de São

Pedro de Perugia. Nele, Damiano o parabenizou por se tornar eremita na congregação avelanita. Sob a aparente celebração da opção de Bonizo pela vida eremítica, essa carta extensa apresentou uma crítica a Raniero, seu sucessor na dignidade abacial.

Uma coisa, em particular, me surpreende nestes novos abades: enquanto estavam dez anos ou mais sob o governo de outros, não se tornaram perfeitos monges, agora, quase que imediatamente ao tornarem-se abades, assumem um tal ar superior, uma tal prosopopeia padrão, que não diríamos terem sido eleitos há tão pouco tempo, mas que nasceram abades. De repente, torna-se negro seus semblantes, imperiosa sua voz, duros na correção, rápidos no julgamento; se provocam ofensa, ignoram desculpar-se (PEDRO DAMIANO, 1989, v. 3, p. 162).

Com uma ironia que percorre todo o texto, Damiano recriminou a vaidade e a soberba de alguns abades recém-eleitos, sem nomeá-los diretamente. Como esse opúsculo diz mais sobre expectativas do que sobre demandas práticas, ele precisava ter uma estrutura formal mais extensa, para que o avelanita valorizasse a escolha de Bonizo, ao mesmo tempo que justificava seu temor pelo destino do mosteiro de São Pedro de Perugia.

Os abades são frequentemente afetados por estas e outras farpas e, agitados pela malícia de seus súditos, não podem nem viver em paz, sem esperar, mesmo dedicando seus esforços, como requer seu ofício, à salvação das almas. No entanto, enquanto eu digo essas coisas tristes sobre o costume de determinados abades e de alguns monges, não quero que ninguém pense isso de muitos outros, que são religiosos e honestos. Na verdade, deste último, humildemente beijo as pegadas e amo-o como ao próprio Cristo. Mas, mesmo aqueles outros que pretendo morder com os dentes da detração, em vez disso, sofro com eles, por compaixão fraternal, pelos seus costumes condenáveis, pela negligência que se manifesta em sua vida dissoluta, não só causando escândalo para nós, mas também alimentando os argumentos de seculares para denegrir e detestar nossa santa ordem. Portanto, oh querido, tu tens agido de uma forma muito louvável e sábia ao se libertar do pesado fardo de um esforço estéril e voado de volta com os ombros aliviados para a liberdade de uma paz fecunda (PEDRO DAMIANO, 1989, v. 3, p. 165).

Essa dura crítica à ostentação dos abades recém-eleitos recaía indiretamente sobre Raniero, a quem Damiano pretendia transformar numa antítese do desprendimento e humildade de Bonizo. Utilizando-se da eloquência e de inúmeras figuras de linguagem, Pedro Damiano não precisou mencioná-lo nominalmente, podendo adequar essa carta longa a um tratado de ensino sobre o abaciato e sobre as virtudes necessárias para a condução de outros religiosos. Dando continuidade aos ensinamentos fundamentados em outras cartas longas do priorado e do início do cardinalato, Damiano insistiu no argumento de que o cultivo da soberba era porta de entrada para as práticas condenáveis dos eclesiásticos que estavam em ofícios superiores. Importante combatente de bispos simoníacos e defensor das imunidades monásticas, desde 1045, Bonizo estava em contato com os

representantes papais e seus aliados na busca pela isenção de São Pedro de Perugia da influência de bispos simoníacos. Não é de se estranhar que Damiano desconfiasse do seu sucessor, uma vez que Raniero negociava com os antigos rivais de Bonizo.

Como pudemos observar acima, Damiano fez dessa carta de parabenização um texto de orientação disciplinar para o todo o abaciato. Um modelo textual que foge aos padrões da tipologia epistolar, mas se fortalece pelo aprimoramento do exercício retórico na defesa da vida ascética e dos preceitos da humildade e obediência monásticas. O avelanita não se esquivava em fazer de sua expedição epistolar um uso político, no qual o exercício persuasivo poderia ser bem-sucedido. Nesse sentido, ele se distanciou cada vez mais de um rigor estrutural na composição das cartas, adaptando outros gêneros escritos ao formato do opúsculo.

A carta 109, enviada ao papa Alexandre II, exemplifica a adaptação do texto hagiográfico ao formato epistolar. Ao retomar a história de vida de dois irmãos de Fonte Avellana – Rodolfo e Domingos Loricato –, Damiano apresentou como deveria ser a verdadeira vida eremítica, ao mesmo tempo em que divulgou ao pontífice a especificidade e santidade do modelo anacoreta regularizado nesta comunidade.

Venerável pai, vossa beatitude me ordenou a não enviar-vos mais cartas contendo argumentos de pouco valor, dignos de esquecimento e frívolos (cartas que, após percorridas pelo leitor, são imediatamente consumidas pela chama devoradora), mas sempre escrever-vos algo que seja digno de ser recebido para a edificação dos leitores e mantido entre os documentos dignos de fé (PEDRO DAMIANO, 1989, v. 3, p. 201).

Logo na saudação, Damiano afirmou que o conteúdo da carta merecia ser preservado pela contribuição que poderia prestar aos possíveis leitores. Estimulado pela crítica pontifícia, o avelanita decidiu remeter ao papa apenas missivas consideradas de grande valor doutrinal, dignas de serem registradas e conservadas como documentos da fé. Neste caso, ao destacar as condições de extrema penitência e mortificação solitária, as quais seus irmãos e discípulos Rodolfo e Domingos se submeteram, Damiano registrava, através deste opúsculo, o rigor e a excepcionalidade do modelo disciplinar avelanita: eremitas que se comportam como mártires e elevam o ideal de santidade ao sacrifício físico absoluto.

Distante de representar uma prática acessível, as *Vitae* contidas nesse opúsculo estão destinadas a testemunhar a superioridade do eremitismo de Fonte Avellana. Rodolfo é o eremita que se torna bispo e,

uma vez promovido ao ofício episcopal, não se omite de praticar no episcopado o que havia aprendido na ermida. Usava o mesmo cilício nos membros, se contentava com muito pouco, indumentária vil e essencial. [...] Para ele, o episcopado era apenas uma morada provisória, a cela solitária era seu verdadeiro lar (PEDRO DAMIANO, 1989, v. 3, p. 205).

Rodolfo preservava a humildade por continuar a cumprir a disciplina (autoflagelação) diariamente, mesmo quando já era bispo. Já Domingos surge na carta anunciado como o exemplo que proverá a verdadeira edificação espiritual do papa:

Enquanto olhava para esta carta em busca da mensagem que ela carrega, sem ainda tê-la encontrado, me ocorreu que há um outro sujeito com o qual podeis se edificar ainda mais, se eu colocar seu testemunho por escrito. E a Divina Providência fez de um modo que a mensagem não será tão breve; enquanto isso, eu permaneço livre para transferir minha pena para outro tópico (PEDRO DAMIANO, 1989, v. 3, p. 207).

Neste parágrafo que separa a narrativa de Rodolfo da narrativa de Domingos, Damiano utilizou-se dos recursos literários que dispunha para manter o interesse papal na leitura de um texto que há muito ultrapassara a medida da brevidade epistolar. A excepcionalidade ascética que marca a vida de Domingos aparece nessa narrativa através da recuperação de excertos de outras cartas. Particularmente, foi da carta ao florentino Teuzo que Damiano resgatou o excerto no qual se defende da crítica feita à prática da autoflagelação. Segundo Damiano, Domingos

mesmo só conhecendo a língua vulgar, pratica uma vida com exercícios muito refinados, uma vida que prega através das obras que vive, tornando-se muito mais útil para a edificação do que a estéril língua de certas pessoas, as quais se cercam desnecessariamente de apuradas palavras de urbanidade. Há muitos anos usa uma couraça de ferro sobre a carne, combate sem tréguas os espíritos malignos e, sempre pronto para luta, armado não só no coração, mas no corpo, avança contra as hostes inimigas. Ele segue continuamente esta norma de vida sem distinção de tempo: não passa um dia sem recitar dois saltérios, flagelando-se, armado com ambas as mãos da disciplina sobre a carne nua (PEDRO DAMIANO, 1989, v. 3, p. 207).

Todos os excertos utilizados na construção dessa narrativa hagiográfica atestam a flagelação voluntária de Domingos como a marca da sua fortaleza e da condição santificada de seu exemplo.

Como se fizesse um balanço de todas as cartas produzidas que relataram o modo de vida eremítico de Fonte Avellana, o então cardeal-bispo de Óstia buscou, através deste opúsculo hagiográfico, afirmar em Domingos a proeminência do seu estilo de vida, resguardando sua legitimidade, quiçá sua sacralidade, à condição de ascese extrema dessa experiência anacoreta. As Vidas de Rodolfo e de Domingos são, portanto, a representação da mais pura santidade, somente experimentada nos lugares animados pela regra do convívio comunitário, unido à prática da penitência solitária, tal qual apresentavam as comunidades vinculadas à rede monasterial de Fonte Avellana.

Mas a questão que fica é: por que remeter tais conteúdos ao pontífice Alexandre II? Escrita em meados de 1067, esse opúsculo hagiográfico foi enviado num contexto de emergência e institucionalização de muitas outras comunidades anacoretas. Especificamente, os valombrosanos alcançaram uma popularização significativa nesse período. Vizinhos à Fonte Avellana, eles passaram a ser valorizados pelos pontífices por sua rigorosa observância monástica, sendo vistos como propensos promotores da *renovatio* cristã (CUSHING, 2005). Mesmo próximos dos avelanitas no que diz respeito ao cultivo do ideal de extrema ascese, Vallombroza rivalizava fortemente com a ermida de Fonte Avellana tanto pela definição dada a simonia, quanto pela forma de combater a corrupção episcopal.⁶

Portanto, remeter um opúsculo hagiográfico ao papa tinha um objetivo político muito claro: afirmar a singularidade do eremitismo avelanita frente à crescente competição ascética entre os grupos do clero regular que usavam sua fama de santidade para resguardar seus espaços de intervenção social. A santidade extrema das *Vitae* de Rodolfo e Domingos rivalizava com os exemplos ascéticos dos valombrosanos junto a Alexandre II. Através da santificação da vida desses dois eremitas remanescentes, Damiano buscava reforçar a perfeita condição espiritual de Fonte Avellana para agir em nome do papado no empreendimento da *renovatio* cristã.

Esse opúsculo hagiográfico foi enviado num momento particular da trajetória eclesiástica de Damiano: quando ele decidiu abandonar o cardinalato e dedicar-se exclusivamente à vida de isolamento em Fonte Avellana. Certamente, por isso, a divulgação dos testemunhos positivos dos membros da comunidade avelanita tinha por finalidade resguardar a importância dessa célula cristã no ambiente sociopolítico romano, após a reclusão iminente de Damiano. Não foi por acaso que o avelanita escolheu o formato estendido do opúsculo para dar vazão a esses registros. O contínuo exercício de convencimento sobre a singularidade santificadora de seu eremitismo seria recompensado através da expedição dessa missiva ao papa, que, apesar de se relacionar bem com Vallombroza, poderia reconhecer nesse texto o valor da contribuição ascética avelanita. Além disso, a adoção do formato epistolar garantia que essas *Vitae* circulassem, possibilitando sua contínua replicação e reexpedição a partir do momento que elas integrassem o arquivo pontifício como

documentos de exortação da fé. Uma estratégia de comunicação cuja finalidade era abertamente política.

Havia uma terceira via entre a epístola e o opúsculo?

A fase iniciada a partir da abdicação do episcopado de Óstia, em 1067, foi marcada por uma reviravolta tipológica na correspondência de Pedro Damiano. Tanto as missivas breves, quanto os opúsculos tiveram uma queda numérica significativa, cedendo espaço às cartas de média extensão. Apesar de a produção epistolográfica permanecer menor que na fase cardinalícia, a ênfase na escrita de textos médios assinala algumas considerações por parte dos investigadores de sua obra. Para D'Acunto (2000, p. 71), o distanciamento de Pedro Damiano do ambiente da Cúria romana foi o que determinou a mudança tipológica de seus escritos epistolares. Sem a tarefa oficial de representar a Sé Romana e suas orientações normativas, era possível produzir cartas que garantissem o aprofundamento teológico, ao mesmo tempo em que se agilizava o processo de composição dessas cartas.

Considerando as hipóteses levantadas por D'Acunto, se o destaque às epístolas médias se dava pela expectativa em acelerar o processo comunicativo, quais os motivos para isso? Por que Damiano precisava tornar o processo comunicativo mais ágil, mantendo ao mesmo tempo certo rigor argumentativo? Se a opção por abdicar do episcopado de Óstia era pessoal e cresceu devido à vontade íntima de dedicar-se à solidão eremítica, por que se preocupar com a celeridade dos processos comunicativos entre a ermida e seus destinatários circunstanciais?

São nos temas abordados pelas cartas expedidas nesta fase que podemos vislumbrar as respostas para essas questões. Diferentemente dos períodos do priorado e do cardinalato, nos quais era comum a temática de valorização da vida monástica como base para a vida de todo clero e toda sociedade, esta terceira fase destacou como princípio o abandono do mundo e a valorização da vida eremítica, defendendo como inviável a regulação dos modos de vida clerical e laico pelo parâmetro ascético. Contudo, essa temática tornou-se comum nos opúsculos desta terceira fase. Contrariamente, as cartas médias noticiavam um contexto bem menos hostil à inspiração monástica. A maioria delas tratou de questões cotidianas, tais como o regresso de um livro confiscado pelo papa, a exortação à justiça de um dirigente eclesiástico, a defesa de uma acusação à violação da regra beneditina em Fonte Avellana. Apesar de, em sua maioria, as cartas médias estarem destinadas às lideranças eclesiásticas das regiões romanas, nenhuma delas inaugura novos vínculos sociais, estando todas dirigidas a conhecidos de longa data. Isso significa que o contato com o papa Alexandre II, o arqui-diácono Hildebrando de Soana e o prefeito de Roma Cencio ainda era

fundamental na garantia de apoio e sustentação para suas demandas cotidianas (cartas 145, 155, 156, 163, 164) (PEDRO DAMIANO, 1989, v. 3). Assim como manter entre seus correspondentes os duques da Toscana e de Arezzo, respectivamente Godofredo o Barbudo e Rainerio II, assegurava a manutenção dos vínculos outrora constituídos (cartas 143, 151, 154) (PEDRO DAMIANO, 1989, v. 3).

Em particular, uma carta média dessa fase de reclusão ilustra, significativamente, os sentidos de seu uso: a carta 156, de janeiro de 1069, cujos destinatários eram Hildebrando de Soana, arqui-diácono romano, e o Cardeal Estevão. Nela o avelanita recluso faz uma dura reclamação sobre a retirada, ou melhor, o confisco de um de seus livros pelo papa Alexandre II.

Confio a Deus todo-poderoso e a vocês, que são seus membros, uma queixa sobre o nosso senhor papa, que aflige meu coração com tal tristeza avassaladora e provoca a alma deste ancião já envelhecido na amargura. Por que tomou o nosso livro, o qual obviamente com um grande esforço eu extraí como a picareta de um pobre e abracei como filho único nos braços de um pai. Vocês devem saber o quão importante é o trabalho que ele retirou. Como ele sabia que não conseguiria isso de mim de outra forma, ele entregou-o ao senhor abade do Santíssimo Redentor na minha presença, ordenando-lhe que o transcrevesse. Mas à noite, ele o levou embora sem o meu conhecimento e enfiou-o em seus baús de livros. Certamente, este é o caráter de sua limpeza sacerdotal, ou melhor, esta é a prova de sua pureza papal. E quando eu reclamo sobre essas coisas, ele sorri, acariciando minha cabeça com doçura, como se fosse um óleo refinado. Sua boca explode de tanto rir, enquanto ele me ataca com objetos – em outras palavras, ele trata um sacerdote como se fosse um comediante (PEDRO DAMIANO, 1993, v. 4, p. 74-75).

Durante a narração, Damiano esclarece o valor do bem e as circunstâncias em que se deram o confisco, utilizando-se de metáforas dramáticas para assinalar a importância do texto que lhe foi retirado contra sua vontade. Mas, o que mais chama a atenção nessa parte da epístola é a forma como ele qualifica o pontífice Alexandre II: um traiçoeiro, que caçoa de seu fiel sacerdote como um comediante. Indignado ao ponto de ironizar o caráter do papa, Damiano não para por aí. Na petição desta epístola, ele apela ainda mais, utilizando-se do recurso da ironia para demonstrar aos seus correspondentes o peso da afronta cometida contra ele. No âmago dos ressentimentos, o que está em jogo não é propriamente o ato condenável do papa, mas o fato de ele o cometer contra um fiel escudeiro, contra um legado que assumiu diversas vezes sua representação, ao ponto de ser ele mesmo chamado de Alexandre.

Eu poderia, facilmente, apimentar o nome do meu senhor com um chiste divertido, se a preeminência de tão grande categoria não me impedisse de fazê-lo. Na verdade, Alexandre significa levantar os estreitos da escuridão, como se encontra nas interpretações dos nomes hebraicos. O que mais é designado pelos estreitos das trevas do que as muitas tribulações da labuta e do infortúnio, que a loucura

frenética Cadalense e a raiva trouxeram sobre nós? Claramente, Cádalo despertou o estreito de escuridão que o Papa Alexandre carrega – de acordo com a etimologia do seu nome – porque quando a luz da Sé Apostólica saiu para extinguir o fumo sulfuroso do Monte Etna, se posso colocar assim, ele nos forçou a suportar o estreito de escuridão. Por esta razão, não somente nosso senhor papa, mas, todos nós podemos ser chamados Alexandre, pois enquanto ele impôs os estreitos da escuridão, nós que nos tornamos partícipes do seu trabalho, recebemos merecidamente o nome também (PEDRO DAMIANO, 1993, v. 4, p. 75-76).

Enquanto partidário de Alexandre II na disputa pelo trono petrino contra Cádalo, Damiano assume para seus outros ex-companheiros de Cúria o que tornou, aos seus olhos, o pequeno deslize de Alexandre uma afronta tão séria.⁷ Em suas palavras, “tantos esforços gastos, tantos perigos de morte, merecem isso?” (PEDRO DAMIANO, 1993, v. 4, p. 77). Ao lembrar os ex-companheiros do papel que desempenhou junto à Cúria na luta incansável para legitimar Alexandre II como pontífice, o avelanita se mostrou frustrado, indignado e pouco afeito a limitar as palavras para caracterizar o que entendia como um desrespeito por parte do pontífice à sua contribuição enquanto legado papal e fiel cardeal. Contrariando as expectativas de alguns historiadores partidários da tese de uma “Reforma Papal”, unificada sob a representação de um grupo coeso de reformadores (FORNASARI, 1996; D’ACUNTO, 1999), entre os quais encontravam-se Alexandre II, Hildebrando de Soana, Humberto de Silva Cândia e Pedro Damiano, o que narramos até aqui é um cenário institucional caracterizado por relacionamentos frágeis, passíveis de serem repactuados ao gosto de contratemplos, incompatível com a imagem de uma Cúria que estivesse uníssona num suposto “projeto reformador” de toda a sociedade do século XI (HOWE, 1997; BOVO, 2012; RUST, 2013).

Esta queixa do avelanita é apenas a primeira de outras descritas nas cartas ao pontífice deste mesmo ano (carta 164), demonstrando seu crescente desapontamento com os rumos da política pontifícia e justificando, em certa medida, o pessimismo do opúsculo 165 que trata da condição vil que assola todo o mundo e impede o acesso à santidade por aqueles que não são eremitas. Mais uma vez, Damiano não perdeu de vista a adequação do instrumento escrito à mensagem que gostaria de efetivar. Essa carta média foi o instrumento mais eficaz para registrar sua insatisfação com o tratamento pontifício após seu afastamento da Cúria Romana, pois nela Damiano tinha espaço para narrar a afronta pontifícia, ironizando a infalibilidade papal. Através desse texto, ele tornou público não só o desgaste de seu relacionamento com Alexandre II, mas buscou alertar aos ex-companheiros sobre o tipo de ligação que os unia ao pontífice e a dura carga de estarem eternamente “vinculados” (*vincula*) a ele, em uma condição de “servidão” (*servitutum*) (PEDRO DAMIANO, 1993, v. 4, p. 78). Tudo por causa da ameaça constante da simonia, pois,

na verdade, os romanos querem um Alexandre, mas o latoeiro, isto é, aquele que reprova o apóstolo, não é o que segue o modo de vida dos apóstolos e dos pontífices apostólicos. Eles não querem um Alexandre exibindo a riqueza evangélica de essência eclesiástica, mas sim uma pesagem de dinheiro da avareza aviltante. Eles rejeitam o sucessor de Pedro e se abraçam ao filho adotivo de Simão [Cádalo], que oferece dinheiro para poder comprar o Espírito (PEDRO DAMIANO, 1993, v. 4, p. 78).

Apesar de frágil, o relacionamento com a Cúria Romana ainda exigia de Damiano muito desgaste político em sua região, pois ainda há pouco tinha se correspondido com o duque Godofredo da Toscana, exortando-o a manter-se ao lado de Alexandre II contra as ofensivas de Cádalo (Carta 154). Portanto, apesar de afastado oficialmente da Cúria Romana, Damiano ainda era um aliado na luta contra o “antipapa” simoníaco Cádalo e merecia de seus ex-partidários o mesmo comprometimento e respeito. Nesse sentido, a carta requeria um formato médio pela necessidade de o avelanita argumentar com profundidade e presteza o valor de seu vínculo político com a Cúria e o peso que sua pena poderia adquirir se deixasse de ser considerado um aliado. Nela, encontramos as três partes fundamentais de uma carta – saudação, narração, petição – que, mesmo ao ultrapassar a medida da brevidade, desenvolve uma rica fundamentação bíblica para ilustrar o teor de seu vínculo “sacramental” com os ex-companheiros de Cúria. Contudo, como Damiano bem sabia, não há vínculos “eternos” na política. O registro epistolar era uma forma de tornar presente quem estava ausente, fixando por escrito a extensão de sua colaboração. Essa era uma forma de manter ininterrupta sua presença nos movimentos de renovação cristã do século XI, mesmo quando se encontrava em reclusão eremítica.

Considerações finais

Como suporte escrito de uma fundamentação oral compactuada, as cartas podem ser encaradas como um instrumento de comunicação, ensino e intervenção do qual Pedro Damiano se serviu para edificar sua autoridade espiritual e dar notoriedade ao eremitismo praticado em Fonte Avellana. Desde que assumiu o priorado de Fonte Avellana (1043), Damiano produziu e divulgou inúmeras cartas de combate à corrupção eclesiástica entre lideranças eclesiásticas e laicas do *Regnum Italicum* e do território romano.

Com sua ascensão ao cardinalato e ao episcopado de Óstia em 1057, o recurso à expedição de cartas adquiriu ainda mais intensidade no cotidiano de viagens, cujo objetivo era representar o pontífice. O aumento na quantidade de missivas enviadas, bem como o crescimento na flexibilidade formal dos textos, demonstram o quanto esse tipo de instrumento escrito estava a serviço da divulgação de ideias, incluindo também a declaração ou a apaziguamento de graves contendas

políticas. De uma atuação eclesiástica localizada à frente do priorado de Fonte Avellana para a linha de frente da Cúria papal, o envio de cartas colaborou para ampliar a esfera de intervenção de Pedro Damiano e, por consequência, dos avelanitas.

Durante os dez anos em que dirigiu o segundo mais importante episcopado da Igreja Latina (Óstia), Damiano dobrou sua produção epistolar, o que nos levou a considerar a centralidade que este gênero literário adquiriu junto à administração papal e àqueles encarregados de representá-la. Mas não só isso. Considerando-se a centralidade que esse tipo de texto teve na produção escrita de Damiano antes de assumir o episcopado de Óstia e mesmo depois de abdicar dele, é possível defender que suas cartas eram vias de aproximação de pessoas, de comunidades religiosas, importante meio de constituir redes de solidariedade, cujo objetivo era a ação conjunta em torno de ideais de *renovatio* cristã estabelecidas, até então, apenas localmente. Extremamente movente e multiforme, as cartas de Damiano reagruparam e incorporaram textos literários, filosóficos, administrativos e de governo, fazendo as vezes de um simples contato, um meio de troca de informações, de demanda de conselhos ou ainda um canal para comunicar ordens expressas. Como afirmou Stéphane Gioanni, seu objeto primeiro consistia em representar o locutor diante de um receptor, abolindo simbolicamente a distância entre eles (GIOANNI, 2006, p. 35-42).

Mas, diferentemente do que se possa pensar, não foram apenas as intenções pessoais de Damiano que determinaram muitas das concepções expressas em seu epistolário. Influenciado por um contexto de referências doutrinárias e também políticas, seus escritos expressaram uma produção de sentidos socialmente compactuada. Portanto, sua autoridade enquanto autor deve ser desafiada e entendida como resultado de uma prática social mais ampla, que vai além das percepções pessoais de um indivíduo, incluindo sobretudo os significados anteriormente compactuados, os quais eram passíveis de transformação e ressignificação. Dessa maneira, é necessário compreendê-lo em sua experiência social, no contexto da tradição epistemológica que herdou e sobre a qual interveio (POCOCK, 2011; SKINNER, 2005).

Portanto, não podemos deixar de salientar o papel interventor do texto epistolar. Seja um opúsculo, uma carta breve ou uma epístola média, a carta foi um meio de comunicação fundamental para o estabelecimento de vínculos políticos, especialmente por criar uma espacialidade singular entre os homens que se comunicavam. Este ponto de encontro a distância, sem lugar físico definido, foi antes um *medium* pelo qual os interlocutores se encontravam e estabeleciam vínculos.

Uma vez que as missivas portavam não apenas uma mensagem informativa, mas também performática, pois adotaram formatos e estilos diferenciados conforme o destinatário e os termos da mensagem a comunicar, Damiano transformou suas cartas num suporte material das estratégias políticas empreendidas para estabelecer alianças e dissensões. Utilizadas como instrumento político

para angariar apoio e subvenção pública às pequenas comunidades monásticas, suas cartas divulgaram e legitimaram os ideais da comunidade avelanita dentro da unidade cristã, imprimindo os preceitos dessa célula local na construção de uma Igreja Romana Universal.

Referências

ADALBERTO SAMARITANO. *Praecepta dictaminum*. F. J. Schmale (ed.). Munique, 1961.

ALBERICO DE MONTECASSINO. *Flores rhetorici*. M. Inguanez; H. M. Willard (ed.). Londres: British Library, 1984.

BOVO, Cláudia. *Em busca da Renovatio cristã: simonia e institucionalidade eremítica na correspondência de Pedro Damiano (1041-1072)*. 2012. Tese (Doutorado em História). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, UNICAMP, Campinas, 2012.

BOVO, Cláudia. O combate à simonia na correspondência de Pedro Damiano: uma retórica reformadora do século XI? *Anos 90*. Revista PPGHIS-UFRGS, Porto Alegre, v. 20, n. 38, p. 75-101, 2013.

CONSTABLE, Gilles. *Letters and letter - collections*. Turnhout: Brepols, 1976. (Typologie des sources du Moyen Âge Occidental, 17).

CUSHING, Kathleen. Of *Locustae* and Dangerous Men: Peter Damian, the Vallomhrosans, and Eleventh-century Reform. *The American Society of Church History*, n. 74, p. 740-757, Dec. 2005.

D'ACUNTO, Nicolangelo. Introduzione. In: PIER DAMIANI. *Opere di Pier Damiani – lettere*. Roma: Città Nuova, 2000, p. 43-158. v. 1.

D'ACUNTO, Nicolangelo. *I Laici nella Chiesa e nella Società secondo Pier Damiani*. Ceti dominanti e riforma ecclesiastica nel seculo XI. Roma: Istituto storico italiano per il Medio Evo, 1999.

FORNASARI, Giuseppe. *Medioevo Riformato del Secolo XI: Pier Damiani e Gregorio VII*. Nápoles: Liguori Editore, 1996.

GIOANNI, Stéphane. *Ennode de Pavie*. Lettres, Livres I et II. Paris: Les Belles Lettres, 2006.

HOWE, John. *Church Reform and Social Change in Eleventh-Century Italy: Dominic of Sora and his patrons*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1997.

HUGO DE BOLONHA. *Rationes dictandi prosaice*. L. Rockinger (ed.), 1863.

LECLERQ, Henri. Le genre épistolaire au Moyen Âge. *Revue du Moyen Âge Latin*, n. 2, p. 63-70, 1946.

LUCCHESI, Giovanni. Per una vita di san Pier Damiani. Componenti cronologiche e topografiche. In: *San Pier Damiano nel IX centenario della morte (1072-1972)*. Cesena: Centro studi e ricerche sulla antica provincia ecclesiastica ravennate, 1972. v. I e II.

LUCCHESI, Giovanni. Sull'antica tradizione manoscrittadi S. Pier Damiani. *Benedictina*, n. 24, p. 209-223, 1977.

MARTIN BAÑOS, Pedro. *El arte epistolar en el Renacimiento europeo. 1400-1600*. Bilbao: Publicaciones de la Universidad de Deusto, 2005.

MURPHY, James J. (ed.). *Medieval Eloquence*. Studies in the Theory and practice of medieval rhetoric. Berkeley: S/E, 1978.

MORIS, C. *The Discovery of the individual 1050-1200*. Toronto: University of Toronto Press, 1987.

PATT, William. The early "ars dictaminis" as response to a changing society. *Viator*. Medieval and Renaissance Studies, Berkeley, Los Angeles, London, v. 9, p. 133-156, 1978.

PEDRO DAMIANO. *Die Briefe Petrus Damiani*. Monumenta Germaniae Historica. Ed. Kurt Reindel. München: 1983-1993. T. 4, 4v.

PEDRO DAMIANO. *Opere di Pier Damiani – lettere*. Ed. Nicolangelo D'Acunto. Roma: Città Nuova, 2000-2011. 4v.

PEDRO DAMIANO. *Correspondence*. Ed. Owen Blumand Irven Resnick. Washington: The Catholic University America Press, 1989-2005. 6v. (The Fathers of the Church)

POCOCK, J. G. A. *Pensamiento Politico e Historia*. Ensayos sobre teoría y método. Madrid: Akal, 2011.

REINDEL, Kurt. Petrus Damiani und seine Korrespondenten. *Studi Gregoriani*, Roma, n. 10, p. 203-219, 1975.

RUST, Leandro. *A Reforma Papal (1050-1150)*. Cuiabá: Ed. UFMT, 2013.

RUST, Leandro. O heroísmo ao avesso: os "antipapas" e a memória historiográfica da política papal (1040-1130). *História* (São Paulo), v. 30, n. 02, dez. 2011, p. 266-292.

SKINNER, Quentin. *Visões da política*. Sobre os métodos históricos. Alégis, Pt: Difel, 2005.

Notas

¹ Atribui-se a Alberico de Montecassino a autoria dos primeiros manuais de *artes dictaminis* conhecidos: *Flores Rhetorici* (ou *Dictaminum Radium*) e *Breviarium de Dictamine*. Ambos escritos entre 1077-1085, esses manuais reproduziram na forma – *salutatio*, *exordium*, *narratio*, *petitio* e *conclusio* – e no estilo – clareza, brevidade, simplicidade – as proposições da doutrina retórica ciceroniana, aplicando-as à composição de cartas. Muito mais que uma orientação técnica para a escrita das cartas, os tratados de Alberico discutiam as regras de composição do discurso latino clássico, adaptando-o às necessidades do formato epistolar. Em *Flores Rhetorici*, por exemplo, o montecassinense distinguiu a saudação (*salutatio*) do exórdio (*exordium*), destacando as fórmulas de polidez

necessárias para adornar o discurso e assim controlar adequadamente a audiência das epístolas (ALBERICO DE MONTECASSINO, 1984).

² Os mestres responsáveis pelo ensino da arte de escrever cartas eram conhecidos como *dictatores* e ganharam notoriedade no mesmo ritmo que a *ars dictaminis* progrediu tecnicamente. Durante as primeiras décadas do século XII, Bolonha foi o principal centro de ensino dessa arte, que alçou o *status* de disciplina escolar. Adalberto Samaritano foi um dos principais *dictatores* da região, assim como seu adversário Hugo de Bolonha. Suas respectivas obras, *Praecepta dictaminis e Rationes dictandi prosaice*, contêm quase toda a doutrina da composição de cartas que posteriormente seguirá vigente em todo o Ocidente. Ver: ADALBERTO SAMARITANO, 1961; HUGO DE BOLONHA, 1863.

³ A primeira edição completa da correspondência de Pedro Damiano – *Opera omnia* – foi feita no século XVII pelo monge de Monte Cassino, Constantino Gaetani. No período, o critério utilizado para agrupar as cartas em distintos volumes foi o do tamanho apresentado por elas. As epístolas ou cartas breves foram reunidas em um volume lançado em 1606, enquanto os opúsculos, cartas mais extensas, foram editados num outro volume em 1615. Além desse critério, o agrupamento por homogeneidade temática definia a sequência estabelecida nos referidos volumes. Pelo que nos informa Alfonso Capecelatro, a edição de Constantino Gaetani foi encomendada pelo papa Paulo V (1605-1621) e estava baseada numa primeira edição incompleta de Luigi Lippomano, a qual teve como base os manuscritos do códice *Vat. Arch. s. Pietro D 206 (A)* e do códice *cassinensis*, principalmente o *Cas. 358 (CI)*. No entanto, a obra de Constantino Gaetani é considerada a primeira edição “cientificamente organizada” por estabelecer critérios claros de ordenação e eleição dos manuscritos conhecidos. A separação das cartas pelo tamanho seguiu sendo reproduzida em edições posteriores, como a elaborada por Jacques-Paul Migne na *Patrologia latina*, volumes 144-145 (1853-1867). Cf. LUCCHESI, 1972, v. I, p. 13-179; v. II, p. 13-160; LUCCHESI, 1977, p. 209-223.

⁴ A 1ª Fase, de 1040 a 1056 marca a superioridade numérica das cartas breves; a 2ª Fase, de 1057 a 1060, corresponde ao domínio numérico dos opúsculos; a 3ª Fase, de 1061 a 1064, é marcada pelo prevalecimento de opúsculos e diminuição drástica das cartas breves; finalmente, a 4ª Fase, de 1065 a 1072, assinala a superioridade numérica das cartas médias. Cf. D’ACUNTO, 2000, p. 63-72.

⁵ As traduções do latim para o português são de nossa autoria. Cotejamentos foram feitos com as traduções em italiano e inglês da correspondência (PEDRO DAMIANO, 2000-2011; PEDRO DAMIANO, 1989-2005).

⁶ A Vida de Domingos traz à tona uma contenda teológica a respeito da simonia, iniciada nos sínodos do final da década de 1040, início de 1050, reacendida por volta de 1061. Nessa disputa estavam em jogo dois pensamentos distintos a respeito da simonia: um mais radical, sustentado pelo cardeal Humberto de Silva Cândia, que negava a validade dos sacramentos administrados tanto pelos simoníacos quanto pelos seus ordenados. Entre seus partidários estavam os valombrosanos, os quais acreditavam que os simoníacos contaminavam com sua centelha corrupta todos aqueles que recebiam seus sacramentos. Do outro lado, Pedro Damiano desenvolveu uma perspectiva diametralmente oposta, afirmando que os sacramentos administrados por simoníacos eram válidos, uma vez que o verdadeiro autor do sacramento não era o sacerdote, mas Cristo. Cf. BOVO, 2013, p. 75-101.

⁷ Leandro Rust no artigo “O heroísmo ao avesso: os ‘antipapas’ e a memória historiográfica da política papal (1040-1130)” apresenta uma análise da condição de antipapa Cádalo, dando um novo significado histórico para os conflitos políticos e relações sociais decisivas para a constituição da Igreja romana e da Cristandade. Cf. RUST, 2011, p. 266-292.

Cláudia Regina Bovo. Professora do Departamento de História da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM/MG) e do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Mato Grosso. Pesquisadora do *Vivarium* - Laboratório de Estudos da Antiguidade e do Medievo. Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Departamento de História, Av. Getúlio Guaritá, nº 159, CEA, sala 331. Abadia, CEP: 38025-440, Uberaba, MG.

Recebido em 08/08/2014

Aprovado em 10/02/2015